

A razão porque quero dizer algo é porque quero ser clara sobre a posição que Room ocupa nesse espaço. Nos somos aqui ocupando esse espaço porque nos de uma certa forma perpetuamos esse ambiente de trabalho. Um espaço esquizofrênico que quer ser crítica em mostrar e apresentar projetos de arte, então quero dizer que tenho dois sentimentos ambíguos em termos do meu papel nesse ambiente porque é uma propriedade privada que se abre na rua, conto com o movimento do sábado por uso comercial, por ter pessoas aqui vindo a ver o que rola, mas penso que é preciso abrir-se a crítica e fornecer espaços por debates e diálogos

Portanto eu acho que esse percurso que Isola vivenciou que agora até vê esses capitais que podem nos deixarem perplexos de qualquer forma começou com uma fase de revitalização do bairro, portanto todos vocês que se mudaram por aqui nos anos 90 para a frente contribuíram a criar

Você acha que seu trabalho tem um impacto no território aonde se propõe agir?

Bom espero que sim, se não, não serviria a nada fazer o trabalho. Penso ao trabalho como uma mídia de massa, seja uma revista para ser distribuída nas bancas de jornal e a ideia é de ser um contraponto a mídia para botar juntos todos esses fenômenos que são tratados de forma individuais e separados - esta coisa de especulação imobiliária, de avanço do fundamentalismo religioso, luta de classe, as relações que esses fenômenos tem um com outro, e colocar todos no mesmo plano é o objetivo dessa ficção do Superio espero que provoque reflexões, não tanto de ação direta no território

Olha é interessante esta pergunta porque para um bom tempo da minha vida eu acreditava que realmente tinha um papel social e que meu trabalho realmente gerava impacto tinha ate forma estratégicas de levantamentos de dados para chegar a conclusões de como essa ação gerou esse impacto hoje em dia eu tenho um conflito em relação a essa pergunta atualmente eu acho que não gostaria talvez de vestir essa roupa de agenciador social esse traz um certo peso uma certa prepotência de transformação do território do outro

Acho que é inevitável estar num lugar e não exercer algum tipo de influência no entorno e também não ser influenciado por esse entorno acredito que a maior forma de ser político hoje em dia é exatamente atuar de acordo com as suas ideologias exatamente aonde o teu braço alcança eu acho que é isso que procure fazer e o atelier é e assim influência e é influenciado.

Eu acho que como artista, ou em geral como pessoa que esta trabalhando com o contemporâneo, a gente tem uma responsabilidade de influenciar outras pessoas, o povo. Até descobrir um pouco antes do resto o que esta acontecendo na cidade, e no mundo e transformar isso em informações visuais para passar para outras pessoas, e de repente alertar elas, informar elas sobre o que esta acontecendo especialmente sobre especulação imobiliária porque as grandes impressas tentam disfarçar tudo, até o ponto que já esta tudo construído. E' isso, a gente esta com uma missão de informantes.

Eu acho que ninguém está passível de não ter impacto ne a questão do papel social. Acho que não é nada de inato no artista, de ter o dom, é o artista que desenvolve o papel que por si próprio quer ter dentro da sociedade, como ele se manifesta artisticamente dentro do território. Acho que tem um papel ambíguo, o artista tanto pode ser nocivo quanto benéfico dentro de um território, sobre a questão da gentrificação a classe artística é facilmente manipulada e remanejada dentro de espaços específicos para especular determinados espaços, e criar condições conflitantes, e mesmo o próprio corpo do artista ser usado por questões críticas – assim penso que tem mesmo esse papel de critica.

Talvez estamos pedindo demais a arte, de ser mais do que a arte é, tornando-se um sujeito politico, em condições de transformar.... Talvez queremos demais, e demais pouco, à arte. Demais porque pedimos à arte de parar a gentrificação, e demais pouco porque pensamos que a arte seja puramente instrumentalizada com finalidade politicas. Talvez o que estamos falando aqui, seria de organizar movimentos contra a gentrificação. Sim, mas talvez a arte não pode ser direta por esse tema.

Então, eu acho que não é apenas arte e definitivamente você está supervalorizando arte atribuindo-lhe responsabilidade que não pode ter, não acho seja definitivamente o caso

O que vamos fazer como artistas?  
É tão deprimente, sobra tão pouco para poder fazer

Esse pode ser uma importante questão a ser considerada sobre como nos posicionamos nos mesmos quando somos chamados a fazer um trabalho por alguém, para quem você oferece seu trabalho, **a quem você decide de dizer que aquele não é algo que você quer ficar envolvido.** Porque tem muitos artistas que fazem street art em Madrid e são pagos para as empresas construtoras esse é um importante assunto por se colocado na mesa

Nos vivemos em uma constante ideia que temos que incluir todos, porque essa cidade foi construída baseada na segregação, portanto tem também essa noção de como vamos começar a planejar as ruas no começo antes de pensar aos prédios. Como pensamos nas ferramentas que temos na rua, porque esses são também os meios que temos por pensar como atuar contra a marginalização, e também precisamos focar em termos de classe porque agora cidade não sofre mais apenas em termos de raça, mas também em termos de classe que é o que estamos aqui falando em termos de quais classes estamos trazendo juntas e quais fazemos juntas. E também de onde vem essa ideia de classe média e a sua relação com classe pobre e da classe alta com classe média vamos tentar ter uma discussão sobre isso, uma discussão pública.

Eu acho que essa coisa do cooptação ela vem, óbvio nos países do Norte também, mas ela tem a ver com uma elite local. Por exemplo esta coisa do design a sustentabilidade a pessoa está pensando em um mundo melhor está consciente do aquecimento global e quer fazer um design. A pessoa que pensou isso tem acesso as tecnologias, ela tem um nível de vida muito alto, e quer manter aquilo aí que entra o limite entre a utopia e essas práticas que ao princípio são interessantes e revolucionárias.

Esta capacidade de deixar o próprio privilégio acho muito mais difícil e muito mais radicada nas sociedades sul Africana e brasileira. Não tem um negro aqui. Eu não sei quantas vezes tiveram negro aqui, e isso para mim é o resultado de

um sistema que funciona de uma certa forma. Eu pessoalmente no Rio tenho 3 amigos negros com quem eu saio, que encontro normalmente no dia a dia. É impressionante porque não é que na tem negros no Brasil, é que não tem cruzamento.

Depende de classe. Eu costumo quando vou num restaurante bacana observar quais são os negros que estão aí. Estão aí servindo, eventualmente, é difícil no Rio ver negros garçom, nordestinos, mas negro é muito difícil.

Estou pensando nas questões que se relacionam com esse formato de gentrificação do alto. Acho que você precisa prestar atenção no contexto sul africano e a nossa historia. Existe uma historia de privação sistêmica de recursos e os artistas e boêmios e hipster tem muitos mais recursos comparado com a situação comum em South África por se mudar nesses espaços e criar próprio caminho. Tem uma questão de raça e classe ligada, ao ponto dos recursos e o que os artistas fazem com esses recursos. E, os que tem recursos em Joburg estão já cooptados. E esta é a razão porque acho o seu estudo importante, porque pode mostrar como esse processo funciona.

O VLT ESTA FAZENDO DIFERENCIA E ESPERE ATITUDES DIFERENTES

Para mim que venho de outro país e não conheço muito bem o bairro, vejo dos mundos que se vê, mas não se tocam. Mas também, dentro dessa visão do bairro como um vilarejo. Tudo bem se não se tocam tudo bem se cada um faz a própria vida – por mim isso é válido.

Uma dúvida que eu tenho em relação ao capitalismo colaborativo, ele é um capitalismo ainda sim que funciona para quem tem um capital. Então ele é colaborativo para quem está dentro do capital – seria isso ne? Toda uma legião de pessoas que não está dentro do capitalismo colaborativo não participa do capitalismo colaborativo.

Sou particularmente crítica em relação a qual seria a nossa posição ao fim de fazer algo com arte como um professor, um palestrante ou um cidadão. Então, quem sou eu? Em que espaço estou me colocando e quais são as questões e os problemas que as pessoas realmente precisam enfrentar, e eu posso fornecer por eles alguns recursos por poder fazer algo? Eu

acho isso muito importante para definir quem somos nós, que estamos aqui falando.

Você realmente precisa sair do que você é e pensar que você mora no Jardim Botânico e tomar um café de manhã com 30 R\$, mas tem pessoas que com 20 R\$ comem o dia inteiro – então como é que realmente você cria uma forma de olhar a o que você está fazendo e como você cria formas de colaborar com outras pessoas e é um exercício infinito, eu não estou dizendo que seja fácil.

Porque abrir os horizontes implica muito mais esforço e acho que é um exercício fundamental de se fazer ... é mais trabalho, mas é até valioso pelo trabalho porque abre a outros inputs.

Quando se refere ao mundo post colonial é uma pergunta importante porque quando nós pensamos na criação do que nós entendemos como arte foi nas costas da destruição de outras formas de práticas, portanto quando estamos falando dessas formas de participação da sociedade no mundo pós colonial, temos que ser críticos sobre o que nós topamos de aceitar como um discurso de arte, e como uma prática de arte.

Entre nós existem diferentes nuances os meios e o Mercado que está além de Johannesburg continuam perpetuando este fantástico exercício é arte combinada com negócios, combinada com coesão social, não é?

Então, o que nós estamos vivendo aqui é uma narrativa constata de algo que existe e não existe que também se não existe em algum momento vai existir porque leva consigo uma narrativa tão incisiva tão forte que não deixa possibilidade de não existir. Portanto aqui teremos ainda todas as classes sociais, teremos ainda os artesãos, os estudantes, com certeza que temos os artistas, mas a narrativa em todo diz que existe uma aceitação, portanto uma redução de qualquer nível de conflito.

O artista quando chega no lugar ele tem uma certa função de harmonizar e deixar as coisas mais legais, mas sempre depois o que está rolando lá, é prédios, um monte de coisas... quem usa este ambiente artístico é o empreendimento vitrine, arte ... sei lá? Então ele gera toda uma atmosfera artística por você estar lá, mas não necessariamente você é beneficiado, você é um agente causador, mas beneficiado muito provavelmente não porque

existe toda uma equipe empresarial vendo essa atmosfera e depois te tirando de lá.

Voltando a Johannesburg passei duas semanas em Maboneng e é evidente como aquele é um ambiente criado esses territórios como território imaginário que não lida com a realidade do espaço entorno e tentei ver o que faz isso possível? e eu acho que a intervenção de arte e artistas torna isso possível cobra as questões que existem em essa área.

Algo que queria te dizer – eu não acho que Arts on Main lide com arte. Não é arte é marketing, não a chamaria de arte nem por um segundo.

Laura você está em uma tão posição tão útil, porque você vem de 10 anos em Brasil – eu não conheço tanto o contexto brasileiro - mas por mim a frustração é que Johannesburg tomou a decisão de apoiar essa World Class African City sabendo que na verdade nunca poderá ser – pode ser uma maravilhosa cidade, mas porque precisa aspirar a entrar dentro desse círculo de cidade globais? Porque é sobre globalização, é sobre fingir de não estar no Sul, é sobre admitir que urbanização e desenvolvimento econômico funcionam de forma diferente no Norte, aqui não é assim, é diferente.

#### CARO USUARIO O VLT TORNA POSSIVEL A ENTRADA DO RIO DE JANEIRO DENTRO DO PRIMEIRO MUNDO

Mas vai de volta no tempo em termos de transformação, porque era o que dizia sobre a minha pesquisa sobre patrimônio e não arte pública, mas todos os construtores em Johannesburg são brancos é basicamente capital branco – primariamente, mas não apenas – portanto arte pública tem curadoria branca.

Uma coisa também que essa civilização que dizem eurocêntrica ...sempre vem do do olhar do homem branco e velho – hetero – a mulher na sociedade ela é colocada ... o que é civilizado o conceito de civilizado não passa pelo olhar feminino.

O que mais me incomoda é a chegada dos novos ricos, eu o odeio. É uma coisa que detesto, eu sou ideológico o admito, mas o feito que tem gente que chega com o dinheiro na mão e compra uma inteira rua e lojas eu sinto medo porque aqui estamos falando de um lugar aonde chega a máfia. Não chegam os ricos de

terno, aqueles são a parte externa, mas aqui chegam os capitais que não se sabe de onde vem.

Se você olha a Maboneng, ao estado que esta agora, é além de arte vai na direção da indústria criativa. Eles entraram em uma fase que sabiam que tinha que partir pelo desenvolvimento urbano, portanto precisaram fazer algo porque se não, não teria avançado em lado nenhum, portanto chamaram urban designers para se juntarem e foi também um desastre.

Então tem esta questão sobre o que é arte publica, porque arte publica por definição é algo que ativa espaços públicos, e obviamente valoriza espaços públicos, e sem duvida cria interesse e potencialidades, portanto a arte publica sempre cria as condições potenciais porque o capitalismo possa se apropriar dela, a não ser que seja invisível, ou em áreas aonde gentrificação não é possível, ou de interesse. Portanto, chega a um ponto que os artistas param de ser radicais e simplesmente pensam sabe qual é? Eu simplesmente participo do jogo, mas não porque não possa fazer mais, mas porque simplesmente é parte do processo, não tem como assegurar a bandeira da resistência sozinho.

Acho que sempre voltamos atrás à economia dessas coisas. Digo não consigo imaginar investidores imobiliários, ou nem o governo, pagar por um trabalho de arte publica que não tenha um resultado final de um objeto físico, mas que seja simplesmente baseado num processo de continuidade com a comunidade. É impossível. Nunca vai acontecer. Portanto é também pensando na forma que nos olhamos ao capitalismo em geral, que não pode ser como fosse (arte) uma ultima coisa do processo que pode ser retirada. Diria que o simples viver desses artistas nesses espaços, que acontece, já, se torna uma forma de cooptação por parte dos investidores imobiliários, portanto não tem como fugir disso até apenas por pagar o aluguel do próprio apartamento, e até pensando: No! Não vou fazer nenhuma arte com essa porra da gente! Até comprando um café você esta participando de tudo isso, portanto é impossível fugir a não ser que você rejeite o inteiro sistema capitalista.

E' interessante o valor que é ligado à arte e o valor que artistas levam dentro de processos de transformação social.

Eu diria que a palavra arte poderia ser substituída por qualquer profissão

Talvez seja o que você espera dos artistas

### Porque?

Eu acho que por um artista é realmente difícil recusar uma comissão por fazer um trabalho de arte publica, porque fala sobre legado, fala sobre as formas que você pode impactar a comunidade com a tua própria linguagem mas obvio que quando você trabalha em uma grande escala, os temos de impactos são em grande escala.

Mas também as implicações e as politicas sobre seleção e fundos não são necessariamente informações que o público em general tem acesso. O que eles fazem, tem um compromisso uma familiaridade sobre o que é o legado, por mim é igual, nos que somos do meio sabemos mas precisamos também ir além dessas dinâmicas do si e entender que precisamos olhar a outras perspectivas, e tempos.

Bem-vindos ao multilinguagem! Eu acho que temos que distinguir entre o que é arte e mercado de arte, e o que é cultura e indústria cultural, que é um pouco o que estamos vendo em vários países – a cultura é o principal capital simbólicos para nós que trabalhamos sobre processos de gentrificação e a instrumentalização a cultura como um capital simbólico e o uso das artes, mas também do ativismo.

Pagar 700 euros por um apartamento no térreo numa rua lateral da Paolo Sarpi não acho seja normal.

Pode agradecer que a encontrou por 700euro... Exatamente, isso não é normal!

Metade do meu salario sempre se foi em aluguel

Que não é normal

Não é normal, mas assim é, e sempre foi.

Mas é errado

Concordo a casa deveria ser um direito para todos.

E' preciso ter politicas de casas de interesse social até por artistas locais, que não tem dinheiro, para poder morar ai com um valor do aluguel que faça sentido, não como em Maboneng aonde os quitinete são caríssimos.

Precisamos um Fees Must Fall! pelo aluguel  
Sim! Rent Must Fall!

Precisam políticas que limitem as possibilidades  
de alugueis fora do controle....

Controle de aluguel por um período de 20 anos.

Então os proprietários não podem esperar  
aquele como uma fonte de ganho, como se o  
aluguel fosse um salário. Uma casa você tem,  
tem seu valor, se você vende não vai ter  
prejuízo, mas o aluguel deve ser humano e a lê  
deve te impor que seja um valor humano,  
porque se a lê não te impõe isso, o mercado é  
assim, aproveita.

Mas algo que é frequentemente esquecido, é  
que nos vivemos em uma sociedade altamente  
em dívida, e muitas famílias de jovens compram  
uma casa e vivem com um salário muito baixo e  
se alguma coisa acontece na vida a única forma  
que eles têm por ter um dinheiro é de  
renegociar a própria dívida com o banco.  
Portanto a maioria das pessoas que tem dívidas  
com os bancos estão altamente interessados a  
que o próprio imóvel se valorize devido à crise  
em Lisboa temos um processo de gentificação  
puxado por cada lado. Os investidores, mas  
também as famílias de salário baixo, não é,  
portanto, apenas um lado de grandes capitais é  
realmente um mix mais complexo de interesses  
na cidade junto com o interesse dos  
especuladores imobiliários. Outro assunto é  
informação, como pode se melhor informar  
sobre o direito à casa.

Mas é que acontece com vários espaços – não  
apenas com o The Hub que quer ser um cluster  
mas aconteceu em BH de ter um espaço de  
coworking virar um espaço de atividades  
artística e se tornaram um lugar de atividade  
com expectativa de retorno financeiro  
coworking tomar espaço – antes eram ocupação  
de artistas e todo mundo está aí entra e faz  
alguma coisa, mas agora são vários empresários  
de atividade criativas, tipo horta, designers e  
cria um espaço de coworking que se sustenta.

Tinha muitos prédios que não estavam  
renovados e que eram abertos por residência  
de artista e que depois se tornaram hostéis.

Me parece que em todas essas conversas  
ninguém fala de dinheiro. Eu penso que é  
curioso porque é óbvio quem recebe e quem  
paga o dinheiro. E qual é a ideia da pessoa que  
te paga, qual é a ideia da pessoa que te

convida? Normalmente precisa ser tudo muito  
rápido: você chega, pinta, recebe, e vai embora  
e depois chega o próximo, tudo deve ser  
sempre rápido é uma indústria e depois  
ninguém mais sabe o que aconteceu.

É escrota a gentrificação, é, mas nem assim o  
artista consegue ter uma legitimação na  
sociedade, e sobreviver apenas de trabalho  
então assim o mínimo que pode se esperar dele  
é que aonde ele pode sobreviver, ele vai se  
instalar.

Você está ciente que os efeitos do seu agir ou  
do seu trabalho dentro desse território podem  
ser conscientes ou contrário a sua intenção  
inicial?

A partir do seu sim ou não me diga se se sente  
desafiado ou preocupado com essa sua  
consciência

Eu acho que se não existisse essa consciência  
não teria nem sentido estar sentado nessa  
mesa aqui hoje, se a gente não pressupõe que  
a gente tem uma prática que é absolutamente  
porosa e flexível e a falha e o erro são  
possibilidade, e que nos estamos trabalhando  
sempre num risco e que esse campo das  
intenções ele é difuso, é claro que você pode  
projetar determinadas ações, você gostaria  
que acontecesse dessa forma e é exatamente  
o contrário, e aí é importante ter uma  
consciência de especialidade do seu campo de  
ação também, e do seu campo de intenções.  
Diria que essa consciência é uma condição  
sine qua non por executar qualquer tipo de  
projeto.

Atualmente mais preocupado não exatamente  
pelo impacto das minhas ações no entorno,  
porque eu sou insignificante em comparação  
com o impacto de outras situações muito  
maiores que já estão em curso e que podem  
provocar, nessas horas eu apelo mais a  
astronomia e minha preocupação 'estar  
dentro de uma bola que gira entorno de uma  
bola de fogo que está prestes a explodir a mais  
que 1000 km por horas, isso é preocupante

Eu respondi não. De repente é mais um desejo  
meu de responder não. Eu sempre tento  
configurar meus projetos por ser outros, por  
ser percebidos de dois lados, não me interessa  
tanto de mudar a opinião de alguém, mas de  
ampliar a visão deles. Por mim a minha  
condição política, a reação das pessoas é  
terrível, mas é mais um campo uma forma por

focar no problema e da aí o mundo em sim vai trabalhar em cima dele, é mais um foco invés que uma manipulação.

O erro faz parte, o erro é um material mas entendendo seu posicionamento como artista os seu posicionamento agenciador, as suas conexões institucionais, você não é apenas um corpo solto no mundo, mas é atualmente no contemporâneo nos somos um corpo carregados de outro tipo de informações, informações virtuais, informações arquitetônicas, físicas, geopolíticas históricas racializadas, todas essas questões combinam em efeitos que podem ser adversos, mas que podem ser lidado. E' parte também desse projeto artístico lidar com as diversidades, e tentar criar impactos que acredito não sejam predatórios, e lidar com as questões de maneira critica.

Trabalho é deixado aberto não é um discurso fechado. O trabalho que as vezes voltou é que o trabalho seja suporte a outros discursos, discursos muitos radicais e ódio e fui bem surpreso toda a parte de radicalismo religioso. Uma família super religiosa por exemplo, eles super concordaram com o trabalho, e vieram me dizer que gostaram muito. O trabalho pega fragmentos de realidade e põe eles todos juntos.

**Em relação a isso é muito importante pensar não em qual espaço nos fazemos coisas, mas quais são as intenções atrás do que nos estamos fazendo naquele espaço, e quais são as intenções atrás dos que nos contratam, o que nos pedem por fazer coisas nesses espaços, esse é a questão central porque sempre existe uma possível extração de valor em qualquer tipo de atividade que estamos fazendo, até nessa conversa que estamos tendo podemos fazer uma extração capitalista de valor, mas a questão é : quem tira esse valor? E essa é uma questão central que nos temos que nós por: para quem aceitamos, para quem estamos disponíveis seja tirado o nosso valor? E para quem não temos que aceitar e tentar de tornar o impossível.**

Gentrificação o que ela é?  
É completamente diferente em cada lugar

Estava lendo BRISA. Li aqui, que porra é esse BRISA? Será que esse é um conceito que ela esta usando? Que maneira brisa

Será que diz desacelerar?

Eh

Eh, mas porque tem outra língua nem... é porque ela é italiana, faz uma mistura.

JA VALIDOU SEU CARTÃO?  
FACA SUA PARTE!